



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariana.nied@gmail.com

O que a seca vem nos dizer

Enquanto a seca que molda os galhos retorcidos das árvores do Cerrado atua sobre nossos corpos exauridos, achatamos nossas expectativas

e distribuímos desejos entre as flores dos ipês. Falta ainda toda uma temporada até o fim da estação, mas a sensação é de que enfrentamos uma década em 180 dias.

A paisagem emoldurada pela vegetação ressecada, marrom, acinzentada, é cenário para as lembranças das nossas infâncias de alegrias no barro vermelho ou entre pilotis. A fumaça da terra que arde em chamas ofusca o traço do arquiteto, toma os céus e pinta o sol. No oásis do Planalto Central,

o laranja fervilhante do firmamento de uma metrópole poluída.

Restamos nós, surfistas de um Lago Paranoá invisível ao fim da tarde. O concreto rachou, e não só sob o som das canções de nossos ídolos. Dele transpira o calor que abafa os gritos dos protestos pelas esquinas. Já não falamos só da Brasília nossa de cada dia, mas também do centro do Poder, das decisões institucionais que guiam o futuro da nação. Cosmopolita, de todo o canto, múltiplos sotaques.

Um quereses tão profundo quanto o de Caetano, mas distante do romantismo. A liberdade é pouco. O que queremos ainda não tem nome, como diria Clarice. Ela que visitou essa cidade embrionária, em gestação, e a deu contornos de poesia. Antropofagizou suas estruturas e devolveu com mais questionamentos do que respostas.

Frio, calor, uma aula sobre o deserto sem sair de casa. Nossas preces seguirão pendentes enquanto nossos esforços forem insuficientes. Que fase,

que dia, que mês, que estação, que seca. Ô chuva, vem nos dizer como seguir mais que o seco.

Enquanto a seca molda os galhos queimados do Cerrado, navegamos em um deserto de incertezas. Nossos corpos exauridos buscam as respostas para os desejos que distribuimos entre as flores dos ipês. Não somos mais os mesmos, e que bom. Nos transformamos na velocidade das estações, sem esquecer as raízes que nutrem sonhos e objetivos.

FISCALIZAÇÃO

Brasilienses ocuparam a via que corta a cidade para defender os movimentos culturais que ocorrem semanalmente no local. Moradores da região apontam o excesso de barulho e a falta de organização como os principais problemas a serem resolvidos

Luis Nova



Rodas de samba embalarão o dia no Eixão, mas venda de bebidas alcoólicas permanece proibida

Luis Nova



População mostra apoio ao movimento, só que moradores da região reclamam do barulho e da desorganização

O Eixão de volta

» ISABELA BERROGAIN

Aos gritos de “O Eixão é nosso”, moradores de Brasília ocuparam, ontem, a avenida que cruza a Asa Sul e a Asa Norte a favor dos movimentos culturais que ocorrem todo domingo na via. No último dia 1º, uma operação conjunta entre o DF Legal e o Departamento de Estradas de Rodagem (DER), com o apoio da Polícia Militar (PMDF), interrompeu e retirou todas as atividades comerciais da via.

Ao longo da semana, o DER autorizou a realização de apresentações musicais e a presença de ambulantes no espaço, mediante autorização temporária. Fica proibida, apenas, a venda de bebida alcoólica. A decisão, no entanto, não agradou aos principais movimentos que marcam presença semanalmente no Eixão. Para Hosana Coelho, do Rock no Eixo, a autorização ainda é precária.

“Somos um dos poucos movimentos culturais autorizados junto com o Jazz, o Choro, o Samba, todos na Asa Norte, e o Complexo Itinerante, na Asa Sul. Muitos movimentos ainda estão de fora”, pontuou Hosana. Segundo Fauzi Nacfur, presidente do DER, todas as autorizações que respeitaram a proibição de bebidas alcoólicas foram concedidas.

Organizador do Ocupa Eixão, um dos movimentos realizados ontem, Leonardo Rodrigues afirma que a intenção não é se posicionar contra uma ocupação organizada. “A gente quer entender, por meio do diálogo, a melhor forma de ocupar o Eixão”, declarou. “Queremos que tenha,

de fato, uma resolução, e que essa discussão, dentro do governo, também incorpore a sociedade civil, que ocupa esse espaço há tanto tempo”, clamou.

“Parte de nossa reivindicação é que a ocupação, que por enquanto está provisória, seja definitiva, e que essa discussão de como pode ser feita essa organização seja feita conosco, a população que, de fato, utiliza e vive o Eixão”, completou o organizador.

Nem mesmo o calor e a seca impediram os brasilienses de apoiarem o movimento, como, por exemplo, Resula Bonfim, 68, que transformou o Eixão do Lazer em um programa semanal com o neto Davi, 7. “Quando eu fico com ele nos fins de semana, a gente sempre vem. Nem que seja para passar meia horinha”, relatou a aposentada. “Eu enxergo aqui como um espaço de prazer e liberdade, onde ele corre, anda de bicicleta, anda de patinete. É um espaço que a gente não tem igual. É um lugar privilegiado para frequentar com a família”, completou.

Morador da 410 Norte, Antônio Joaquim, 59, também é frequentador assíduo do Eixão do Lazer e acredita que o projeto deve ser preservado. “É sinônimo de diversão e alegria para a população. Acho que é necessário fiscalizar, mas orientando as pessoas, e não as retirando de uma hora para outra”, avaliou. Antônio não acredita que as atividades realizadas na avenida atrapalhem seus fins de semana. “Acho que tudo que o ser humano faz pode gerar incômodo, de alguma forma. Tem que ter tolerância. Acho que essa é a palavra que está faltando aos

Luisa Nova



Os tradicionais Choro no Eixo e Samba no Eixo marcaram presença. DER autorizou a realização de apresentações musicais

Isabela Berrogain/CB/D.A Press



Resula Bonfim (centro), 68, o neto Davi, 7, e a amiga Maria das Graças

moradores da região”, finalizou o servidor público.

Reclamações

Ainda no dia 1º, o governador Ibaneis Rocha (MDB)

publicou uma mensagem nas redes sociais afirmando que a operação ocorreu para atender reclamações de residentes da área próxima à via. Na Asa Norte, as queixas vêm, em grande maioria, de residentes da

Quadra 208. “Infelizmente, toda a benéfica intenção da criação do Eixão do Lazer deixou de existir há três anos. A baderna e a desorganização tomaram conta do local, especialmente na proximidade da 208, que tem vivenciado cenas sem qualquer tipo de respeito e empatia por parte dos transeuntes e organizadores”, reclamou o servidor público Diego Campelo, 47, residente do Bloco J.

O barulho e problemas para estacionar são algumas das principais objeções dos moradores. “Som muitíssimo alto, havendo frequentemente disputa entre diversas bandas ou carros de som, frequentadores em excesso, o que culmina na falta de estrutura para estacionamento, destruição da grama e das árvores onde ficam instaladas as barracas e restaurantes, pessoas fazendo necessidades perto de árvores

no interior das quadras, impossibilidade de sair com o veículo pela garagem em virtude do estacionamento irregular”, listou Diego alguns dos problemas enfrentados.

“A falta de respeito dos transeuntes e organizadores, a ausência de regulação e fiscalização dos ambulantes e a falta de alvará e fiscalização do som reproduzido tornaram o ambiente insalubre para os moradores que precisam e querem descansar e ter um domingo de tranquilidade”, completou o servidor público.

No entanto, ele afirma que a intenção da comunidade não é impedir a ocupação do Eixão do Lazer. “O correto é que todos tenham empatia uns pelos outros”, declarou. “A comunidade da SQN 208 e outras quadras não pode ser refém da desorganização e do desrespeito”, finalizou.